



GUARDIÃS DE SEMENTES CRIOULAS DO ALTO SERTÃO DE SERGIPE: MULHERES QUE PRODUZEM SOBERANIA ALIMENTAR¹

SANTOS, Thais Moura dos², RAMOS FILHO, Eraldo da Silva³

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGEO-UFS), São Cristóvão, Sergipe, thaisou14@hotmail.com

³ Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGEO-UFS), São Cristóvão, Sergipe, eramosfilho@gmail.com

RESUMO

As sementes, enquanto bem comum da humanidade, é um tema que deve perpassar todas as discussões relacionadas à Soberania Alimentar, visto que, é impossível pensar a produção de alimentos sem a existência das mesmas. Na agricultura química postulada pelo agronegócio, às sementes tornaram-se mercadorias patenteadas e geneticamente modificadas, no processo crescente de privatização da natureza que decorre desse modelo agrícola. Nesse interim, a disputa para manter as sementes sob o poder dos sujeitos que trabalham a terra tem sido conduzida por sujeitos em todo mundo, sobretudo pelas mulheres, são elas que carregam consigo conhecimentos empíricos, ligadas ao plantio, colheita e armazenamento das sementes, por elas, também, são realizadas trocas de sementes, mudas e práticas, aumentando assim a diversidade genética e sem custos econômicos. No Alto Sertão sergipano, as mulheres protagonizam esse processo de resistência, fazendo dos seus quintais e/ou terreiros um território fértil para produção da Soberania Alimentar.

PALAVRAS-CHAVE: Sementes Crioulas; Guardiãs de Sementes; Soberania Alimentar; Alto Sertão Sergipano.

INTRODUÇÃO

Nossa reflexão começa com as palavras de Houtart (2011), quando este nos afirma que as sementes se constituem Bem Comum da Humanidade, e por isso, são essenciais ao processo de continuidade da vida em nosso planeta. Essa assertiva denota que as sementes, teoricamente, não deveriam ter donos, devem ser acessíveis a todos os sujeitos.

No entanto, a enorme variedade de espécies/sementes que durante sucessivas gerações foram domésticas, selecionadas, armazenadas e multiplicadas por camponeses e camponesas em todo o mundo, passam por um intenso processo de privatização pelas multinacionais do agronegócio. Nos dizeres de Shiva (2007, p. 52), as sementes "*en lugar de ser propiedad común de comunidades agrícolas, se convierten en propiedad privada patentada de las corporaciones de semillas*". Esse processo rebate diretamente no patenteamento de sementes, monopolização do mercado de alimentos e padronização da cultura alimentar que descaracteriza os costumes locais de alimentação e agricultura relacionados à identidade dos povos.

Enquanto, historicamente, a semente foi para o agricultor, parte guardada da última colheita, atualmente ela foi transformada em um insumo que precisa ser comprado. Sob uma nova ótica, as possibilidades oferecidas pelos transgênicos aprofundam a mercantilização das sementes, alterando, assim, o seu valor de uso, de tal maneira acabam por gerar relações cada vez mais dependentes dos mercados.

Primavesi (1992) esclarece que depois de plantadas e colhidas, essas sementes não mais servem para efetuar novos plantios, desta feita, o camponês necessita comprar outros exemplares de sementes, tornando-se dessa forma, refém do mercado e conseqüentemente perdendo sua autonomia no ato de plantar e colher, inviabilizando o cultivo e permanência da terra.

¹ Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado.



Os usos de plantas transgênicas conduzem a uma maior inserção das relações capitalistas na agricultura familiar e, conseqüentemente, a uma exclusão ainda maior dos agricultores. Barbosa (2014), afirma que essa nova agricultura implica diretamente na escolha do modo de cultivo que determinadas comunidades tradicionais faziam há várias gerações, no tocante, a forma que mantinham, reproduziam e selecionavam as sementes “boas” para o plantio.

Nesse contexto, buscando atuar contra hegemonia do movimento crescente de patenteamento e controle das sementes pelas oligarquias internacionais, emergem as casas comunitárias de sementes na década de 1970, se constituindo enquanto uma estratégia de resistência camponesa a perda da diversidade e no resgate das sementes crioulas (MACHADO e FILHO, 2014).

As pessoas responsáveis por “cuidar” das sementes recebem o nome de Guardiões(ãs) de sementes, um termo novo e inacabado. Olanda (2015) descreve que a terminologia guardiões de sementes, surge da necessidade de orientar a população em geral sobre a erosão, contaminação, perda e apropriação indevida das sementes, da cultura e do conhecimento contidos nas mesmas. Esses sujeitos, normalmente, possuem conhecimentos práticos dos ciclos naturais, técnicas de plantio, cuidados, colheita, conservação das sementes (o saber-fazer camponês aprendido com os mais velhos) e a conservação dos Bens Comuns.

No nosso recorte de estudo, as mulheres são maioria na prática de guardar sementes. Isso corrobora com Grisa e Schneider (2008), quando afirmam que são as mulheres das comunidades rurais desempenham papel fundamental no resgate de sementes e na produção agroecológica. Os autores apontam que as mulheres, até hoje, são as maiores responsáveis pelo resgate, conservação e pela troca de sementes crioulas. Nas famílias rurais, geralmente os homens se responsabilizam por poucas culturas, consideradas de maior importância como o milho, e as mulheres ficam responsáveis pelas miudezas, que reúnem as hortaliças em geral e outras espécies destinadas principalmente para a alimentação familiar.

Nesse contexto, as mulheres estão estreitamente ligadas ao conceito de Soberania Alimentar, visto que, este é definido como o direito de cada nação manter e desenvolver a sua própria capacidade para produzir os seus alimentos essenciais, respeitando a diversidade cultural e produtiva, ou seja, significa respeitar a natureza, o tempo e o espaço da vida (FERNANDES, 2008).

Jalil (2009) chama a atenção para se pensar a Soberania Alimentar a partir da prática das mulheres, de suas vidas, de seu cotidiano, de sua relação com a natureza, com o cuidado, a preocupação com a reprodução e com a manutenção da vida e da diversidade. O conceito de soberania alimentar está estritamente ligado a luta das mulheres pela manutenção da diversidade, o cuidado com as sementes e a agricultura camponesa, que na maioria dos casos fica sob responsabilidade das mulheres, já que tudo que é produzido permanece no entorno familiar.

Para Madeley (2003), as mulheres não só cultivam alimentos, elas são sempre responsáveis por satisfazer as necessidades alimentícias de suas famílias. De acordo com Costa (2009), defender que as mulheres contribuem para a conservação e manejo da biodiversidade e reconhecer esse papel desempenhado é essencial para valorizar suas práticas, reconhecendo a importância de seu trabalho.

Este artigo propõe uma discussão a respeito do protagonismo feminino no processo de cultivo,

guarda e multiplicação das sementes crioulas no território do Alto Sertão de Sergipe, levando em consideração que essas práticas rebatem na produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e de sementes transgênicas, pautado nas práticas agroecológicas. Assim, as mulheres se ligam diretamente aos pressupostos do conceito de soberania alimentar.

METODOLOGIA

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado em andamento, intitulada **“Uma semente, múltiplas liberdades: Gênero e trabalho na guarda das sementes crioulas no Alto Sertão Sergipano”**, que se debruça sobre as estratégias realizadas pelas mulheres no Alto Sertão de Sergipe para conservação e multiplicação das sementes crioulas.

O Território do Alto Sertão Sergipano está localizado no noroeste do Estado, e detém uma área de 4.908 km², tendo uma participação de 22,4% na área estadual. Esse território é formado por sete municípios, sendo eles: Canindé de São Francisco; Gararu; Monte Alegre de Sergipe; Nossa Senhora da Glória; Nossa Senhora de Lourdes; Poço Redondo e Porto da Folha.

Este território é marcado por longos períodos de estiagem e condições geofísicas especiais, que são utilizadas para justificar a situação de pobreza, sendo objeto de ações emergenciais e assistencialistas das políticas públicas governamentais (AMORIM, 2016).



Os procedimentos metodológicos adotados para produção do presente artigo se basearam na pesquisa e leitura do referencial teórico, como JALIL (2009), SHIVA (2007), AMORIM (2016) e outros. E participação do Encontro Estadual dos Guardiões e Guardiãs das Sementes da Liberdade e Encontro Territorial do Programa de Manejo da Agrobiodiversidade de Sementes do Semiárido, momento que serviu para proceder com registros fotográficos, observação e aplicação de entrevista semiestruturada.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Alto Sertão de Sergipe, assim, como os demais territórios, não é descolado do mundo, portanto, a todo instante o território é alvo das investidas do capital, materializado nos insumos (agrotóxicos, sementes transgênicas) das multinacionais do agronegócio e na ideologia do desenvolvimento *versus* atraso. Existe uma verdadeira disputa territorial entre modelos de produção.

No cerne dessa disputa estão as sementes. Guardar sementes é uma prática milenar realizada pelas mulheres, que na atualidade tornou-se uma importante ação de luta contra os monocultivos, impérios agroalimentares, *commodities* e todas as formas como se manifesta o capital no espaço rural. As guardiãs de sementes do Alto Sertão de Sergipe possuem uma proposta de produção de Soberania Alimentar com base na Agroecologia, e na constante oposição ao agronegócio com seu modelo excludente.

Durante diálogos com algumas guardiãs foi possível perceber que essas sujeitas possuíam a guarda das sementes como prática cotidiana, passada entre as gerações. No entanto, o início do trabalho voltado para a conservação das sementes, como ato político-ideológico e de enfrentamento ao modelo hegemônico de agricultura tem ligação direta com a atuação dos movimentos socioterritoriais do campo. Destaca-se a atuação do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, que possui como principal pauta de luta a produção de alimentos saudáveis e atua nesse território com o Coletivo de Produção, este que é responsável pela mobilização e sensibilização no tocante as sementes enquanto Bem Comum da Humanidade.

É no âmbito do MPA, da Rede Sergipana de Agroecologia (RESEA) e Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) que as guardiãs se fortalecem e compõem a Rede de Guardiãs e Guardiões das Sementes da Liberdade². Essa interação com o MPA possibilita, também, espaços de formação e intercâmbios que fortalecem e instrumentalizam as práticas agroecológicas.

²Nome atribuído a semente crioula sergipana.



Figura 1 - Bandeira do MPA durante um momento de trocas de sementes.
Fonte: Arquivo MPA/SE, 2018.



Figura 2 - Momento de troca de saberes sobre o manejo das sementes crioulas.
Fonte: Arquivo MPA/SE, 2018.

A figura 2 é bem emblemática, demonstra uma guardiã de sementes *palestrando* para outras guardiãs. Esses momentos são muito ricos em trocas e na construção do protagonismo feminino, as mulheres conseguem compartilhar suas práticas e desafios, bem como, afinar seus discursos e conceitos em torno das sementes crioulas.



Sendo assim, durante a realização das entrevistas, buscamos entender qual a concepção que as mulheres possuíam sobre as sementes crioulas.

Sementes crioulas não são só os grãos milho e feijão, são os animais, as plantas nativas da nossa região, são as ervas medicinais e tudo semente [...] A importância de guardar sementes crioula é porque é muito importante, é essa semente que é adaptada a nossa região, porque mesmo sem chover sem molhação eu colhi um feijãozinho de corda porque ele é adaptado ao clima da nossa região (Entrevistada 3).

É a semente nossa, que não é transgênica, que não é vendida. É aquela que a gente aprende como nossos pais como cuidar. Ela é muito forte, se dá com tudo (Entrevistada 2).

Nas falas é nítido o sentimento de apropriação das sementes enquanto adaptadas a realidade semiárida e sendo contraponto a transgenia e a mercantilização. Outra questão que prevalece é o valor afetivo das sementes, herdadas dos “pais” com toda carga de cuidados e modos de plantar e cuidar.

No tocante a produção de alimentos, é impressionante perceber a capacidade que essas sujeitas possuem de em pequenas parcelas de terra nos arredores de suas casas (terreiros, quintais), produzirem agrobiodiversidade. Nesses territórios femininos, são desenvolvidos os cuidados com as miudezas (ervas medicinais, fruteiras, hortaliças, plantas ornamentais, sem contar que fica a cargo das mulheres cuidarem dos animais de pequeno porte) conforme é possível perceber nas falas a seguir.

No meu quintal eu planto milho, capim-santo, verduras [...] aí já ajuda em casa né? Porque quando tem no quintal não precisa ir pra feira. Mas no terreiro também crio animal, pato, galinha, guiné (entrevistada 2).

É a melhor parte da casa (risos) tem de tudo nele, caju, acerola, siriguela, pinha, laranja, limão, mamão, um rebanho de ervas medicinal como capim-santo, cidreira, corpo de cristo, hortelã. E tem também verdura, alface, cebolinha, coentro, couve, quiabo, eita é tanta coisa (risos) (entrevistada 3).

É uma marca das guardiãs de sementes, produzirem diversidade de alimentos, esses que servem para manutenção das famílias camponesas nas unidades de produção. A variedade de alimentos produzidos por estas sujeitas está estritamente ligada à apropriação de toda carga política-ideológica, afetiva e cultural que provém das sementes crioulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as práticas produtivas das Guardiãs de sementes do Alto Sertão de Sergipe se dão em dois níveis que se sobrepõem e complementam-se. O primeiro nível tem a ver com a manutenção familiar, onde, a produção de alimentos serve para o consumo interno e essa é uma prática comum entre as mulheres, apreendidas com suas antepassadas.

No processo de aproximação com movimentos socioterritoriais e instituições que pautam a produção de alimentos saudáveis com base agroecológica, se tem o segundo nível, que é o político-ideológico, de enfrentamento aos pressupostos do agronegócio, seu pacote tecnológico e do patenteamento da vida.

Em ambas vertentes, é possível visualizar o protagonismo feminino na produção da Soberania



Alimentar e cuidados com o Bem Comum da Humanidade em seu sentido material (produção de alimentos, guarda de sementes, diversidade produtiva) e imaterial (disputa ideológica, de discurso).

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lucas Oliveira do. **Plantando semente crioula, colhendo agroecologia**: agrobiodiversidade e campesinato no Alto Sertão sergipano. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, 2016.

BARBOSA, Mônica de Moura. **Casas de sementes comunitárias**: estratégia de resistência e manutenção da vida camponesa. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza, 2014.

COSTA, Rakuel Samara Silva. **Pra não dizer que não falei das flores**: um estudo sobre relações gênero e biodiversidade no semiárido pernambucano. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Soberania alimentar como território**. 2008.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. “**Plantar pro gasto**”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 46, n. 2, 2008, p. 481–515.

HOUTART, François. **Dos bens comuns ao ‘bem comum da humanidade’**. Fundação Rosa Luxemburgo, 2011.

JALIL, Laeticia Medeiros. **Mulheres e soberania alimentar**: a luta para a transformação do meio rural brasileiro. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2009.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. **Dialética da agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MADELEY, Jonh. **O comércio da fome**. Trad: Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier de. **Famílias guardiãs de sementes crioulas**: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Pelotas, 2015.

PRIMAVESI, Ana. **Agricultura sustentável**: manual do produtor rural. São Paulo: Nobel, 1992.

SHIVA, Vandana. **Las nuevas guerra de la globalización**: semillas, agua y formas de vida. São Paulo: Editora Popular, 2007.